

O Livro de Joel e a Igreja Adventista do Sétimo Dia laodiceana - Número Trinta e Três

Jeff Pippenger

2026-01-21

Número Trinta e Três

Por ocasião da lei dominical, os cento e quarenta e quatro mil se encontram, profeticamente, com os operários da hora undécima. Os cento e quarenta e quatro mil já estão selados e então conclamam a grande multidão a sair de Babilônia e a tomar posição com eles pelo sábado do sétimo dia. O juízo sobre a casa de Deus encerra-se na lei dominical, e o juízo então se transfere aos gentios, à grande multidão — o outro rebanho de Deus. Apocalipse 7 identifica ambos os grupos e, no quinto selo, os mártires da Idade das Trevas perguntam: “Até quando” demorará para que Deus julgue o poder papal por causa de seu martírio? É-lhes dito que descansem em suas sepulturas até que se complete um segundo grupo de mártires da perseguição papal, e lhes são dadas vestes brancas. A grande multidão do capítulo sete de Apocalipse usa vestes brancas, pois representa o segundo grupo de mártires papais na crise iminente da lei dominical. Apocalipse 7 e o quinto selo abordam esses dois grupos, assim como as igrejas de Esmirna e Filadélfia. Esmirna representa os mártires do derradeiro banho de sangue papal, e Filadélfia, os cento e quarenta e quatro mil.

Pedro está na terceira hora, em Cesareia de Filipe, e, após "seis dias", não seis horas, ele estaria no limiar da lei dominical, que é a nona hora.

E, seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago, e os conduziu, à parte, a um alto monte; e transfigurou-se diante deles; o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele. Mateus 17:1-3.

Na lei dominical, os cento e quarenta e quatro mil, profeticamente, encontram-se com a grande multidão. Elias representa os cento e quarenta e quatro mil que não provam a morte, e Moisés representa os que morrem no Senhor. Eles estão em pé com Cristo na lei dominical, que é onde Cristo unge o Seu reino de glória, assim como estabeleceu o Seu reino de graça na cruz. Se ainda se acompanha a lógica que estamos expondo em conexão com o período de seis horas, da terceira à nona hora, então é necessário considerar algo que constitui uma ilustração muito especial.

A terceira hora de Cesareia de Filipe é o alfa do ômega da nona hora de Cesareia Marítima. Identifico que, não seis horas, mas seis dias depois, Pedro está no Monte da Transfiguração, que também ilustra a história que culmina na lei dominical, que é a nona hora. O período de seis dias alinha-se com o período de seis horas, mas apenas como um fractal de Cesareia a Cesareia. O que é muito especial é que esse fenômeno, em que um fractal da história se encontra dentro da história do período de seis horas, é exatamente o que acontece quando se considera o tempo de Pentecostes. As seis horas desde a morte de Cristo até Pentecostes são um fractal do período desde a cruz até 34

d.C., quando a semana sagrada se concluiu e o evangelho foi aos gentios.

Agora, o orgulho e a inveja fecharam a porta à luz. Se os relatos trazidos pelos pastores e pelos magos merecessem crédito, colocariam os sacerdotes e rabinos numa posição nada invejável, desmentindo sua pretensão de serem os expoentes da verdade de Deus. Esses mestres eruditos não se rebaixariam a ser instruídos por aqueles a quem chamavam de pagãos. Não podia ser, diziam, que Deus os houvesse passado por alto, para comunicar-Se com pastores ignorantes ou gentios incircuncisos. Resolveram demonstrar seu desprezo pelos relatos que estavam alvoroçando o rei Herodes e toda Jerusalém. Não iriam sequer a Belém para verificar se estas coisas eram assim. E induziram o povo a considerar o interesse por Jesus como um alvoroço fanático. Aqui teve início a rejeição de Cristo pelos sacerdotes e rabinos. A partir desse ponto, seu orgulho e sua obstinação cresceram até se cristalizarem em um ódio arraigado ao Salvador. Enquanto Deus abria a porta aos gentios, os líderes judeus fechavam a porta a si mesmos. O Desejado de Todas as Nações, 62.

No meio da semana sagrada, Cristo foi crucificado. Três anos e meio depois, Estêvão foi apedrejado e Cornélio mandou chamar Pedro. Três anos e meio após a cruz, o tempo de graça está plenamente encerrado para o Israel antigo. Então Estêvão olhou para o céu e viu Cristo de pé, o que é o símbolo do fechamento do tempo de graça em Daniel doze, versículo um. A porta se fechou para o Israel antigo e se abriu para os gentios.

No período que vai desde a morte de Cristo, à hora nona, até a morte de Estevão e o chamado de Pedro, à hora nona, Cornélio e Estevão são duas testemunhas de que os mil duzentos e sessenta dias proféticos foram cumpridos. Da hora nona da morte à hora nona da morte, foram 1.260 dias proféticos. O intervalo da hora nona da morte à hora nona de Pentecostes identifica um fractal dos 1.260 dias, no espaço de cinquenta e dois dias.

O fractal que foi o período pentecostal está no início daqueles 1.260 dias, e, no fim desses dias, Pedro está profeticamente situado tanto na terceira quanto na nona hora em Cesareia. As duas Cesareias representam o alfa e o ômega de um período profético de seis horas. Dentro do período profético de seis horas das duas Cesareias, Pedro viaja por seis dias e chega ao Monte da Transfiguração. O Monte representa o selamento que culmina na lei dominical, que é o lugar onde a igreja triunfante é exaltada acima de todos os montes. Esses seis dias representam o período de seis horas de Cesareia a Cesareia e constituem um fractal dentro do período, assim como o período pentecostal foi um fractal no início desse mesmo período sagrado.

O fractal inicial foi um cumprimento das Festas da Primavera associadas ao período de Pentecostes. O fractal final, de Cesareia de Filipe ao Monte da Transfiguração, também está profeticamente vinculado à semana sagrada. No Monte, o Pai falou, como fizera no batismo de Cristo, e como faria pouco antes da cruz. O Pai falou de forma audível três vezes desde o início da semana sagrada até a cruz. Uma vez no batismo, depois no Monte da Transfiguração e então falou à sombra da cruz que se aproximava.

A cruz é o ômega dos 1.260 dias que tiveram início no Seu batismo. O batismo e a cruz são marcos específicos da semana sagrada de Daniel nove, identificando assim o Monte da Transfiguração

como parte da semana sagrada. Se o primeiro e o último constituem marcos da profecia da semana sagrada, então o marco intermediário deve, por necessidade profética, fazer o mesmo.

O batismo é o primeiro anjo; o Monte da Transfiguração é o segundo, e a cruz é o terceiro. No Monte, Deus identificou Moisés e Elias como marcos da igreja remanescente. A aplicação é unificada pelo símbolo tríplice de Pedro, Tiago e João. Houve três ocasiões em que Jesus levou consigo Pedro, Tiago e João. Na primeira, foi a ressurreição da filha de Jairo; na segunda, a Transfiguração; e na terceira, Getsêmani. Na primeira ocasião, Pedro, Tiago e João presenciaram uma virgem de doze anos ressuscitada.

E aconteceu que, tendo Jesus voltado, o povo o recebeu com alegria, pois todos o aguardavam. E eis que veio um homem, chamado Jairo, que era chefe da sinagoga; e, prostrando-se aos pés de Jesus, rogou-lhe que fosse à sua casa, pois tinha uma única filha, de cerca de doze anos de idade, e ela estava à morte. Mas, enquanto ia, a multidão o apertava. Lucas 8:40-42.

O nome Jairo significa "o iluminador" e "ser luminoso e glorioso". Das três ocasiões em que Pedro, Tiago e João foram convidados exclusivos de Cristo, esta foi a primeira, e o de Jairo representa o primeiro anjo que ilumina a terra com a sua glória. A virgem de doze anos representa as virgens que não de ser ressuscitadas como os cento e quarenta e quatro mil. Cristo chegou à casa da filha virgem, depois de Sua interação com uma mulher que sofria de um fluxo de sangue havia doze anos.

E uma mulher, que tinha um fluxo de sangue havia doze anos, a qual gastara todos os seus haveres com médicos, nem por nenhum pudera ser curada, veio por detrás dele e tocou a orla de sua veste; e imediatamente estancou o fluxo do seu sangue. Lucas 8:43-44.

Identifica-se uma virgem de doze anos e, no versículo seguinte, uma mulher que padece de fluxo de sangue há doze anos. A mulher padecera do fluxo de sangue por toda a vida da virgem. Jesus estava prestes a passar pela mulher com fluxo de sangue, a fim de alcançar a filha, a virgem. A mulher representa a primeira mensagem angélica, tal como representada pela mensagem a Laodiceia. Cristo estava prestes a ressuscitar e devolver a vida à virgem, e a mulher enferma, a mulher laodiceana, ainda tinha uma breve oportunidade de tocar a Divindade. Uma criança representa a última geração, e Jesus passa por uma mulher enfermiça, Laodiceia, para erguer a virgem dos últimos dias. Quando a virgem for ressuscitada, a mulher terá sido ou curada ou deixada para trás.

Uma característica do primeiro anjo é o temor, e há dois tipos de temor.

Falava ele ainda, quando veio alguém da casa do chefe da sinagoga, dizendo-lhe: Tua filha morreu; não importunes o Mestre. Mas Jesus, ouvindo-o, respondeu-lhe: Não temas; crê somente, e ela será salva. Lucas 8:49, 50.

Então Pedro, Tiago e João entram no aposento onde a ressurreição, simbolizada pelo batismo de Cristo, representou a investidura de poder do primeiro e do terceiro anjo. O Monte da Transfiguração é a segunda vez em que Pedro, Tiago e João são testemunhas. O Monte da Transfiguração é o segundo anjo, e quando Cristo levou os mesmos discípulos a Getsêmani, isso

representou o terceiro anjo. No segundo passo, no Monte da Transfiguração, há um “dobramento”, pois o marco do Monte está no meio das três ocasiões em que o Pai falou. A primeira foi em Seu batismo, que se alinha com a ressurreição da virgem de doze anos; a segunda foi o Monte; e a terceira foi pouco antes da cruz. As três vezes em que o Pai falou e as três vezes em que os três discípulos foram a sós com Jesus estão vinculadas pelo fato de que o segundo marco, em ambas as linhas, é o Monte da Transfiguração.

E, quando entrou na casa, não permitiu que ninguém entrasse, senão Pedro, Tiago e João, e o pai e a mãe da menina. E todos choravam e a pranteavam; ele, porém, disse: Não choreis; não está morta, mas dorme. E riram-se dele com escárnio, sabendo que ela estava morta. Mas ele, tendo-os feito sair, tomou-a pela mão e chamou, dizendo: Menina, levanta-te. E o espírito dela voltou, e ela imediatamente se levantou; e ele ordenou que lhe dessem de comer. E seus pais ficaram assombrados; mas ele lhes ordenou que a ninguém contassem o que havia sido feito. Lucas 8:51-56.

Pedro, Tiago e João testemunham o primeiro anjo na ressurreição da virgem, que estivera adormecida, como Lázaro. Quando ela despertou, levantou-se imediatamente e foi-lhe dado alimento. Quando Elias e Moisés são ressuscitados em Apocalipse onze, levantam-se imediatamente, e então o Espírito Santo é derramado sem medida, representando o alimento da virgem. A Transfiguração no Monte deu-se seis dias depois de Cesareia de Filipe, exceto quando Lucas registra os acontecimentos.

E aconteceu que, cerca de oito dias depois destas palavras, tomou consigo Pedro, João e Tiago e subiu a um monte para orar. E, enquanto orava, o aspecto do seu rosto transfigurou-se, e as suas vestes tornaram-se brancas e refulgentes. E eis que falavam com ele dois homens, que eram Moisés e Elias. Lucas 9:28-30.

Mateus e Marcos afirmam de modo inequívoco “depois de seis dias”, e Lucas diz “cerca de oito dias”. Os autores bíblicos empregaram dois modos de cômputo do tempo: um chamado inclusivo e outro, exclusivo. À primeira vista, pode parecer haver contradições, mas o fato de Lucas ter dito “cerca de” indica que ele falava em termos inclusivos; e, quando Mateus e Marcos dizem “depois de seis dias”, estão assinalando que contavam dias completos, e não o dia que deu início ao período de oito dias, nem o dia que o concluiu. A diferença produz dois símbolos numéricos do mesmo período: um é o número oito e o outro, seis dias.

O que se estabelece, com os dois testemunhos acerca do período de seis ou oito dias, desde Cesareia de Filipe até o Monte da Transfiguração, é que, no período em que Cristo sela os cento e quarenta e quatro mil, o número oito representa as oito almas na Arca de Noé, e o número seis representa a sexta igreja, a de Filadélfia, que está destinada a ser a igreja que é a oitava, que é dos sete. Transformam-se na oitava na glorificação de Moisés, Elias e Cristo. A glorificação no monte também é tipificada pela glorificação no monte na história de Moisés.

Quando Moisés subiu ao monte, tomou consigo setenta anciãos e Josué.

Então subiram Moisés, Arão, Nadabe e Abiú, e setenta dos anciãos de Israel; e viram o Deus de Israel; e debaixo de seus pés havia como que um pavimento de pedra de safira, e como o

próprio céu na sua claridade. E contra os nobres dos filhos de Israel não estendeu a sua mão; também viram a Deus e comeram e beberam. E o Senhor disse a Moisés: Sobe a mim ao monte, e ali fica; e te darei tábuas de pedra, e uma lei, e mandamentos que escrevi, para que os ensines.

E Moisés se levantou, e com ele o seu ministro Josué; e Moisés subiu ao monte de Deus. E disse aos anciãos: Esperai-nos aqui, até que tornemos a vós; e eis que Arão e Hur estão convosco; se alguém tiver algum assunto a tratar, chegue-se a eles.

E Moisés subiu ao monte, e uma nuvem cobriu o monte. E a glória do Senhor repousou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu por seis dias; e, ao sétimo dia, chamou Moisés do meio da nuvem. E o aspecto da glória do Senhor era como fogo consumidor no cume do monte, aos olhos dos filhos de Israel. E Moisés entrou no meio da nuvem e subiu ao monte; e Moisés esteve no monte quarenta dias e quarenta noites. Êxodo 24:9-18.

A mensagem do primeiro anjo foi a ressurreição da filha de Jairo, a qual se alinha com o batismo de Cristo. Então, seis dias depois, veio o Monte da Transfiguração, que é o segundo anjo, o qual conduziu à cruz, que é o terceiro anjo. Como segundo anjo, o Monte tem um duplo testemunho, pois a voz do Pai no Monte se conecta com uma segunda linha dos três. As três vezes em que Pedro, Tiago e João foram admitidos de modo exclusivo por Cristo, e as três vezes em que o Pai falou, ambas identificam a segunda manifestação da voz do Pai; e a segunda vez em que Jesus levou Pedro, Tiago e João foi no Monte da Transfiguração. O segundo marco do Monte tem um duplo testemunho, o da voz do Pai e o dos três discípulos, pois a segunda mensagem sempre identifica uma “duplicação”.

Os seis dias de Mateus e de Marcos, desde Cesareia de Filipe até o Monte, que representam o período de seis horas entre os sacrifícios da tarde e da manhã, são representados pelos seis dias de Moisés, até que ele seja chamado a entrar na nuvem no sétimo dia.

A linha começa com o tempo de espera do segundo anjo, quando Moisés instrui os setenta anciãos a “esperarem” até que ele volte. Os primeiros seis dias na linha estão isolados, mas ainda fazem parte dos quarenta e seis dias ao todo. Os seis dias são um período que conduz à terceira prova, representada por quarenta dias. Os quarenta e seis dias simbolizam o templo; os seis dias são as seis horas desde a morte de Cristo até o Pentecostes, as seis horas desde Sua crucifixão até Sua morte, as seis horas de Cesareia a Cesareia e as seis horas de Pedro no cenáculo até o templo. Moisés está recebendo a Lei da aliança e obtendo as instruções de como erguer o templo. Embora a Bíblia diga que ninguém viu a Deus, os anciãos “viram o Deus de Israel”. A glorificação de Deus no monte com Moisés e os anciãos tipificou a glorificação no Monte da Transfiguração. Ambas contêm o período de seis dias. A linha de Moisés inclui o tempo de espera do segundo anjo e os quarenta e seis dias completos representando o templo. Os quarenta dias em que ele recebeu a Lei representam o selamento.

Pedro estava em Cesareia de Filipe na terceira hora, a caminho de Cesareia Marítima na nona hora e, em seis a oito dias, está no Monte, demorando-se com os setenta anciãos de Moisés, quando tem uma visão do Senhor glorificado, assim como Daniel no capítulo dez. Daniel viu o Senhor face a

face, assim como Gideão e os setenta anciãos. O Monte da Transfiguração é onde o movimento de Laodiceia dos cento e quarenta e quatro mil é transformado no movimento de Filadélfia dos cento e quarenta e quatro mil. Eles se tornam a oitava igreja, que é a sexta igreja; assim, vemos seis dias e oito dias.

As seis horas desde a crucifixão até Sua morte, as seis horas de Pentecostes, as seis horas de Cesareia a Cesareia, os seis dias até o Monte da Transfiguração e os seis dias de Moisés que conduziram aos quarenta dias são a mesma linha. Entre Cesareia de Filipe, que é Panium, e a Lei Dominical, os cento e quarenta e quatro mil são selados. Esse selamento causa uma divisão.

E eu, Daniel, sozinho vi a visão; pois os homens que estavam comigo não viram a visão; mas caiu sobre eles grande tremor, de modo que fugiram para se ocultarem. Daniel 10:7.

Moisés separou-se dos anciãos quando disse: “Esperai-nos aqui, até que tornemos a vós.” Moisés separou-se dos setenta no tempo de tardança, e setenta semanas representam tempo probatório para o povo da antiga aliança. Quando a septuagésima semana terminou, e essa septuagésima semana foi a semana sagrada em que Cristo confirmou a aliança com muitos, Cristo então separou-Se plenamente do povo da antiga aliança. O período em que o povo da antiga aliança podia resolver o seu fluxo de sangue — que, para eles, consistia em crer que eram salvos pelo sangue de Abraão — havia terminado, e a virgem de doze anos foi ressuscitada para servir. Uma vez iniciado o tempo de tardança, Moisés recebeu a lei da aliança e as instruções para a edificação do templo.

Quando Pedro, Tiago e João estavam no Monte, o selamento do povo de Deus, e a subsequente elevação desse povo como estandarte, representam aquele povo da aliança como o templo dos cento e quarenta e quatro mil. Os operários da undécima hora são então agregados a esse templo.

Assim diz o Senhor: Guardai o juízo e praticai a justiça; porque a minha salvação está prestes a chegar, e a minha justiça, a manifestar-se. Bem-aventurado o homem que assim procede, e o filho do homem que nisso se firma; que guarda o sábado, para não o profanar, e guarda a sua mão de praticar qualquer mal. Não diga o filho do estrangeiro, que se uniu ao Senhor: O Senhor me separou completamente do seu povo; nem diga o eunuco: Eis que sou árvore seca. Porque assim diz o Senhor aos eunucos que guardam os meus sábados, e escolhem as coisas que me agradam, e se apegam à minha aliança: Dar-lhes-ei, na minha casa e dentro dos meus muros, um lugar e um nome melhores do que os de filhos e filhas; dar-lhes-ei um nome eterno, que não será extinto. Também os filhos do estrangeiro, que se unem ao Senhor, para o servirem e amarem o nome do Senhor, para serem seus servos, todo aquele que guarda o sábado, para não o profanar, e se apegam à minha aliança; também esses eu levarei ao meu santo monte e os alegrarei na minha casa de oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos sobre o meu altar; porque a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos.

O Senhor Deus, que congrega os desterrados de Israel, diz: Ainda congregarei outros a ele, além dos que já a ele foram congregados. Isaías 56:1-8.

Pedro, Tiago e João, bem como Moisés, representam os "expulsos de Israel", os quais são lançados fora por seus irmãos que os odiavam.

Assim diz o Senhor: O céu é o meu trono, e a terra é o escabelo dos meus pés; onde está a casa que me edificareis vós? e onde está o lugar do meu repouso?

Porque todas essas coisas a minha mão fez, e todas essas coisas vieram a existir, diz o Senhor; mas para este olharei: para o pobre e contrito de espírito, que treme diante da minha palavra. Aquele que mata um boi é como se matasse um homem; o que sacrifica um cordeiro, como se degolasse um cão; o que oferece uma oblação, como se oferecesse sangue de porco; o que queima incenso, como se bendissem um ídolo. Sim, eles escolheram os seus próprios caminhos, e a sua alma se deleita nas suas abominações. Também eu escolherei as suas ilusões e farei vir sobre eles os seus temores; porque, quando chamei, ninguém respondeu; quando falei, não ouviram; mas fizeram o mal diante dos meus olhos e escolheram aquilo de que eu não me agrado.

Ouvi a palavra do Senhor, vós que tremeis diante da sua palavra; os vossos irmãos que vos odiaram, que, por amor do meu nome, vos lançaram fora, disseram: Seja o Senhor glorificado; mas ele se manifestará para a vossa alegria, e eles serão envergonhados. Isaías 66:1-5.

A palavra "alegria" ocorre inúmeras vezes e de diversas maneiras nas Escrituras, assim como a palavra "vergonha". No contexto da mensagem de Pedro extraída do livro de Joel, a oposição entre vergonha e alegria constitui um paralelo, como entre sábios e néscios ou entre o trigo e o joio. A vergonha e a alegria representam, no contexto de Joel, aqueles que possuem o azeite, ou a mensagem da chuva serôdia, em contraste com os que não a possuem. É somente quando se percebe esse detalhe que se alcança o significado mais profundo de: "Os vossos irmãos, que vos odiaram, que vos expulsaram por causa do meu nome." Esses irmãos são aqueles que, em Spalding and Magan, páginas um e dois, são os "Adventistas nominais, como Judas", que "nos entregarão aos Católicos", "pois nos odiavam por causa do Sábado, porque não o podiam refutar." Vossos irmãos que vos odeiam vos expulsam por causa da mensagem do Sábado da terra, Moisés sete vezes, a qual não pode ser refutada. O ponto aqui é que sois expulsos por uma controvérsia doutrinária, um "debate", como Isaías o chama, e a controvérsia doutrinária é a mensagem da chuva serôdia.

Joel chama essa mensagem de "vinho novo" e, se alguém possui essa mensagem, possui alegria. Se não a possui, desperta como os ébrios de Joel, para constatar que o vinho novo foi cortado da própria boca. Nesse ponto, fica-se, profeticamente, "envergonhado". A classe que tem o azeite tem alegria, e a classe que não tem azeite fica envergonhada. O azeite é também vinho novo, e está associado à alegria. É por isso que Isaías diz: "Ouvi a palavra do Senhor." Uma classe escolhe ouvir, e a outra não dá ouvidos ao som da trombeta. Isaías identifica especificamente a classe que ouve, ao declarar: "vós que tremeis da sua palavra." O Senhor ajunta aqueles que foram lançados fora por causa da mensagem que chegou em 11 de setembro e, na lei dominical, Ele ajunta os eunucos de Isaías, que são representados como árvores secas. Se se apegarem à aliança, não mais serão apartados do monte santo de Deus.

Tanto um eunuco quanto uma árvore seca representam a morte. Um eunuco não pode reproduzir, e uma árvore seca não tem vida. A promessa é que, se esses gentios, ou trabalhadores da undécima hora, aceitarem a aliança representada pelo Sábado, terão filhos e filhas. Primeiro Ele ajunta os

desterrados de Israel, depois ergue esses desterrados como um estandarte e então ajunta o Seu outro rebanho. O primeiro e o segundo ajuntamento representam o período de 11 de Setembro até a lei dominical, no qual o Espírito Santo asperge, e também o período desde a lei dominical até que Miguel se levante e a chuva serôdia seja derramada sem medida. Em ambos os períodos, a chuva serôdia é uma mensagem que, se a possui, traz alegria; e, se não a possui, traz vergonha.

O livro de Mateus está dividido em três linhas, que representam os três anjos de Apocalipse catorze. Cada uma das três linhas também contém fractais dos três anjos. A segunda linha, do capítulo onze até o capítulo vinte e dois, é o centro, pois é o segundo anjo, que está posicionado entre o primeiro e o terceiro. O livro de Mateus é, em si, uma linha central, quando consideramos os capítulos onze a vinte e dois no contexto dos capítulos da aliança de Gênesis e do Apocalipse.

O centro dos doze capítulos da aliança é o de Mateus, e a linha central das três linhas de Mateus encontra-se nos mesmos doze capítulos. O centro desses doze capítulos é o selamento dos cento e quarenta e quatro mil. Esse ponto central é representado por três versículos, que se alinham com os três versículos centrais dos doze capítulos da aliança de Gênesis e de Apocalipse.

Peter é o ponto central do ponto central do ponto central, e ele representa a primeira e a última noiva cristã. Isso é a assinatura de Alfa e Ômega. Palmoni também pôs a Sua assinatura sobre a mudança de nome de Peter, quando Ele concebeu o enigma do nome Peter em inglês. Jesus falou com Peter em hebraico, e o diálogo foi registrado em grego e, posteriormente, vertido para o inglês. Em inglês, Palmoni nomeou Peter usando a 16ª letra do alfabeto inglês, seguida da 5ª, que é seguida pela 20ª, que é seguida pela 5ª, que é seguida pela 18ª, sabendo plenamente que, quando Ele, como Palmoni, criou o nome que passaria do hebraico ao grego e ao inglês. Ele também dispôs que o nome em inglês permitisse o enigma de multiplicar aquelas cinco letras, a fim de alcançar o número cento e quarenta e quatro mil. Palmoni, que também é o primeiro e o último, dispôs que a primeira e a última daquelas cinco letras inglesas que compõem o nome Peter fossem a décima sexta e a décima oitava, pois o nome Peter haveria de ocorrer em Mateus 16:18.

Com tudo isso a respeito de Pedro, ainda precisamos abordar a "proporção áurea". A proporção áurea é representada por Mateus 16:18, pois a razão é 1,618. A proporção áurea está associada aos fractais da natureza e, quando Palmoni situa Pedro em Mateus 16:18, Palmoni identifica que a chave profética que é colocada sobre o ombro de Eliaquim em Isaías 22:22, e as chaves proféticas que são dadas a Pedro e à igreja na passagem, incluem fractais proféticos.

O intervalo de Caesarea Philippi, à terceira hora, até Caesarea Maritima, à nona hora, representa um fractal da terceira hora em que Cristo foi crucificado até a nona hora em que Cornélio mandou chamar Pedro. O período pentecostal, desde a terceira hora da crucificação até Pedro no templo, em Pentecostes, à nona hora, é um fractal dos 1.260 dias desde a cruz até Cornélio. As três vezes em que o Pai falou constituem um fractal dos três anjos, assim como também o são as três vezes em que Jesus tomou consigo apenas Pedro, Tiago e João. A informação profética codificada nos versículos em que Pedro ilustra os cento e quarenta e quatro mil é tão profunda quanto qualquer verdade que jamais existiu, e, no entanto, ainda não situamos Pedro em Panium, em Daniel onze.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos forasteiros da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia, eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo: Graça e paz vos sejam multiplicadas. Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua abundante misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula e imarcescível, reservada nos céus para vós, que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação pronta para ser revelada no último tempo.

Nisso exultais grandemente, embora agora, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações; para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece, embora provado pelo fogo, redunde em louvor, honra e glória na manifestação de Jesus Cristo; a quem, sem o terdes visto, amais; no qual, embora agora não o vejais, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória, alcançando o fim da vossa fé, a saber, a salvação das vossas almas.

Acerca desta salvação, os profetas inquiriram e investigaram diligentemente, os quais profetizaram da graça que havia de vir a vós; indagando qual o tempo, ou que espécie de ocasião, o Espírito de Cristo, que neles estava, indicava, quando atestava de antemão os sofrimentos de Cristo e a glória que se havia de seguir. A eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para nós, ministravam essas coisas, que agora vos foram anunciadas por aqueles que vos pregaram o evangelho pelo Espírito Santo enviado do céu; coisas nas quais os anjos desejam perscrutar.

Portanto, cingi os lombos do vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que vos será trazida na revelação de Jesus Cristo; como filhos obedientes, não vos conformando às concupiscências que tínheis anteriormente, na vossa ignorância; mas, assim como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em todo o vosso procedimento; porque está escrito: Sede santos, porque eu sou santo.

E, se invocais como Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo a obra de cada um, passai, em temor, o tempo da vossa peregrinação aqui; sabendo que não fostes resgatados com coisas corruptíveis, como prata e ouro, da vossa vã maneira de viver, recebida por tradição dos vossos pais; mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem defeito e sem mácula; o qual, na verdade, foi preordenado antes da fundação do mundo, mas manifestado, nestes últimos tempos, em vosso favor; por meio dele credes em Deus, que o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, para que a vossa fé e a vossa esperança estejam em Deus. Tendo purificado as vossas almas, na obediência à verdade, mediante o Espírito, para o amor fraternal não fingido, amai-vos ardentemente uns aos outros, de coração puro; sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, que vive e permanece para sempre. Porque toda carne é como a erva, e toda a glória do homem, como a flor da erva. Seca-se a erva, e cai a sua flor; mas a palavra do Senhor permanece para sempre. E esta é a palavra que, pelo evangelho, vos foi anunciada. 1 Pedro 1:1-25.